

## Oficinas de teatro da UNATI - Unesp de Marília: o lúdico como elemento estimulador dos processos de criação teatral da pessoa idosa.

Ana Paula CORDEIRO<sup>1</sup>

**RESUMO:** o artigo apresenta os resultados de nossa pesquisa de Doutorado que visou o desenvolvimento de oficinas de teatro junto a um grupo de alunos da UNATI - UNESP de Marília, com o objetivo de demonstrar o papel do lúdico como estimulador dos processos de criação da pessoa idosa. Através de jogos teatrais e criação de peças coletivas buscamos privilegiar o caráter prazeroso da elaboração do conhecimento. As peças e o resultado dos exercícios e jogos desenvolvidos ao longo das oficinas de teatro constituíram-se em nosso principal material de análise. Nossas conclusões indicam que através da elaboração de peças teatrais, bem como das oficinas de teatro, os alunos demonstraram o seu potencial criativo, além de revelarem muito de suas histórias de vida e experiências na elaboração das peças coletivas.

**PALAVRAS CHAVE:** terceira idade; lúdico; teatro.

### INTRODUÇÃO

Quando pronunciamos ou ouvimos a palavra lúdico, no que pensamos? Muitos podem responder que lúdico está relacionado às brincadeiras das crianças. Podem também destacar que lúdico tem a ver com o lado prazeroso da infância que inclui risos, jogos, brinquedos e brincadeiras. Geralmente associamos o elemento lúdico ao universo infantil. Mas o lúdico não estará presente, perpassando toda a vida do ser humano? Não deixamos a ludicidade da vida de lado simplesmente porque nos tornamos adultos. Isso porque o lúdico é um elemento da cultura e não desaparece de nossas vidas completamente.

Neste artigo procuramos redimensionar a questão em torno da associação que se costuma fazer do elemento lúdico ligado apenas à criança. Ousamos afirmar que o aspecto lúdico do conhecimento está presente também nas construções e criações dos adultos. Desta forma, apresentamos os resultados de nossa tese de Doutorado que teve como principal objetivo discutir e avaliar a relevância dos aspectos lúdicos no processo educacional de pessoas da terceira idade, participantes das oficinas de teatro da UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade) da

---

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Didática da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, Campus de Marília.

Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP- Campus de Marília. Buscamos avaliar estes aspectos relacionados à memória e experiências de vida, ao prazer de lembrar, representar e conhecer dessas pessoas ao longo do desenvolvimento do trabalho nas oficinas de teatro: nos jogos teatrais, nas improvisações, nos jograis, poemas e nas peças teatrais elaboradas coletivamente.

As oficinas teatrais da UNATI da FFC- UNESP ocorrem todas as sextas feiras, das 14:00 às 16:00 h desde 1999. Nossa pesquisa foi realizada de 1999 a 2003, mas as oficinas nunca foram interrompidas e no ano de 2006 contam com 21 pessoas. Privilegiamos, com este trabalho, o fazer teatral através do jogo com vistas à criação dos participantes. Optamos por uma dinâmica que toma o caminho da criação mais que o das formas cristalizadas da arte teatral, como estudar e encenar uma peça pronta. Os participantes das oficinas teatrais experimentam todo o processo de criação teatral, desde as discussões sobre um tema a ser trabalhado, a elaboração de peças teatrais coletivas, concepção de cenários, figurinos, iluminação, sonoplastia e apresentação do trabalho final ao público.

Falamos sobre a importância do elemento lúdico em nosso trabalho, que privilegia a arte teatral junto a pessoas idosas através do prazer de desenvolver jogos teatrais. Cabe-nos então esclarecer o que entendemos por lúdico, nossas bases referenciais em relação ao termo e a importância desse elemento para o mundo social. Johan Huizinga (1990) afirma que a civilização surge e se desenvolve através do jogo. Define jogo da seguinte forma:

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana. (1990, p. 33).

O autor afirma que a noção que temos de jogo e a própria palavra jogo tiveram sua origem não num pensamento lógico ou científico, mas sim na linguagem criadora. Huizinga analisa diferentes línguas para mostrar que a categoria geral de jogo nem sempre foi sintetizada em uma única palavra e distinguida com igual rigor por todas elas. Destaca que três línguas, o grego, o sânscrito e o chinês, usam palavras diferentes para designar competição e jogo, por exemplo. Já a língua latina cobre todo o terreno do jogo com uma única palavra: ludus, de ludere.

Embora ludere possa ser usado para designar os saltos dos peixes, o esvoaçar dos pássaros e o borbulhar das águas, sua etimologia não parece residir na esfera do movimento rápido, e sim na da não seriedade, e particularmente na da 'ilusão' e da 'simulação'. Ludus abrange os jogos infantis, a recreação,

as competições, as representações litúrgicas e teatrais e os jogos de azar. (HUIZINGA, 1990, p. 41).

Huizinga dirá que nas línguas latinas, entretanto, o termo ludus foi suplantado por um derivado de jocus (gracejar, troçar) e ampliado para o sentido de jogo em geral. Daí que, no italiano, temos gioco, giocare e, no português, temos a palavra jogo e o verbo jogar, por exemplo.

Ainda em relação ao lúdico, Marrach nos afirma que:

[...] tentando uma definição do termo, vale lembrar que lúdico remete a Dionísio. No dicionário Aurélio, sentimento dionisiaco é a alegria do vinho, o entusiasmo, a inspiração criadora. Há algo que está além da brincadeira e aquém da seriedade, e que podemos denominar de espírito lúdico. O lúdico - a capacidade de jogar, representar, criar - é, para Huizinga, um elemento chave na criação da cultura, entendida como civilização, linguagem, religião, arte. (MARRACH, 2000, p. 32).

A partir das definições desses autores podemos afirmar que o lúdico é o elemento de prazer que perpassa os atos de criação humana, os jogos, a representação, a própria cultura. Huizinga afirma que o elemento lúdico está na base da cultura: da linguagem, da filosofia, da religião, da arte. Em nossa pesquisa, o lúdico foi importante elemento desencadeador dos processos de criação teatral dos idosos participantes das oficinas de teatro da UNATI-UNESP de Marília.

Privilegiamos em nosso trabalho o prazer do fazer teatral através do jogo dramático e da improvisação. Os jogos foram a base para a construção de esquetes, cenas e peças. Mas, o que é o jogo dramático? Há uma distinção entre o teatro propriamente dito e o jogo dramático? Richard Courtney faz a seguinte distinção: “teatro: representar perante uma platéia - jogo: atividade a que nos dedicamos simplesmente porque a desfrutamos - jogo dramático: jogo que contém personificação e/ou identificação” (Courtney, 1980, XX). Peter Slade (1978) também faz esta distinção entre teatro e jogo dramático, dizendo que, no teatro, atores e público se diferenciam, enquanto que no jogo dramático não existe a distinção entre atores e público: todos são livres para jogar e atuar.

Entendemos que o jogo teatral e a improvisação são imprescindíveis quando trabalhamos teatro com pessoas adultas, pois improvisando, jogando, resolvendo os problemas que surgem no palco, as posturas do adulto tornam-se mais maleáveis e certos condicionamentos podem ser questionados e discutidos pelo grupo. Viola Spolin afirma que “[...] qualquer jogo digno de ser jogado é altamente social e propõe intrinsecamente um problema a ser solucionado” (SPOLIN, 1992, p. 5). No palco, durante o jogo e a improvisação, somos levados a deixar de lado as resoluções, as posturas e decisões mais óbvias, pois nem sempre elas dão conta de resolver o que foi proposto.

Os jogos também foram importantes desencadeadores das memórias dos participantes do grupo. Lembranças de tempos idos e da cotidianidade foram utilizadas como pontes para a criação do novo: textos e peças teatrais.

Ecléa Bosi (1979) nos afirma que as faculdades do ser humano, para continuarem vivas, dependem de nossa atenção à vida, do interesse que temos pelas coisas, de um projeto. Pondera que durante a velhice deveríamos estar engajados em projetos e causas que não envelhecem, que nos transcendem e dão significado ao cotidiano. Considera também que:

[...] a velhice é o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e dobram-se sobre a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número das imagens de outrora e esta faculdade de relembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora. (BOSI, 1979, p. 39).

Quando o idoso recorda, segundo Bosi (1979), há todo um trabalho de reflexão e localização, há uma inteligência do presente, referenciais do presente, que fazem com que uma lembrança não seja apenas uma repetição de um estado antigo, mas uma “reaparição”. Por esta razão, durante as oficinas, estimulamos questionamentos e proposições de problemas que exigiram do grupo novas formas de agir e de pensar, respostas rápidas para questões que precisavam ser resolvidas no palco, dando espaço a verdadeiras situações criativas, mas também estimulamos o recordar, o lembrar, as vivências e experiências dos alunos. Presente e passado contribuíram para a criação de textos, num trabalho que buscou valorizar o passado à luz dos referenciais do presente, de maneira dinâmica, privilegiando o caráter lúdico do conhecimento.

Nossa pesquisa tratou especificamente dos processos de criação teatral junto a pessoas idosas alunas da UNATI-UNESP de Marília através do lúdico, que perpassou os jogos teatrais, o improviso e as memórias dessas pessoas. Ao falarmos de criação teatral e aprendizagem lúdica na terceira idade devemos nos questionar a respeito do processo de envelhecimento humano. As possibilidades físicas, mentais e sociais não são as mesmas para todos. Há muitos fatores que interferem no modo como as pessoas envelhecem. A classe social à qual o indivíduo pertence e que lhe confere uma determinada posição no mercado de trabalho, que lhe dá sua visão de mundo, que determina, inclusive, suas lutas, seus anseios e seus hábitos é determinante também no processo de envelhecimento. O homem carrega as marcas de seu trabalho, das intempéries, do vivido.

Também não podemos esquecer que o ser humano é fruto de uma época, cujos acontecimentos históricos marcam, de forma direta ou

indireta, sua vida. Portanto, ao tratar do envelhecimento humano, não podemos pensar num único modelo de velhice sem correremos o risco de cair em reducionismos ou nas armadilhas das idéias estereotipadas. Acreditar que o tempo da velhice é simplesmente um tempo de declínio e de fechamento para o mundo é uma delas. Mesmo porque a realidade nos mostra que, cada vez mais, as pessoas que envelhecem buscam caminhos variados na tentativa de viver da melhor forma esse período da vida. Continuar estudando, aprendendo e vivendo novas experiências dentro do ambiente acadêmico faz parte das escolhas dos idosos.

Entre as mudanças que ocorreram em relação às formas de conceber o envelhecimento, nos últimos quarenta anos, está a preocupação com a educação permanente das pessoas que envelhecem, por parte de instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas, com o intuito de atender essa parcela da população em suas necessidades culturais e em sua busca por novos conhecimentos e atividades. A questão da aprendizagem e da importância da manutenção de atividades intelectuais e culturais na velhice tem ganhado mais destaque, visto que há, hoje, a percepção por parte de especialistas de várias áreas de que um envelhecimento saudável e mais cheio de perspectivas passa também pela educação e pela aprendizagem. Nesse sentido, nossa opção por trabalhar com indivíduos idosos se deu pelo fato de que há, sem dúvida, muito a ser discutido em relação às questões ligadas ao envelhecimento humano, à aprendizagem e aos processos de criação nesta fase da vida.

No Brasil intensifica-se cada vez mais a criação de programas de ensino e extensão universitários voltados para a terceira idade. Na Unesp (Universidade Estadual Paulista) esses programas recebem o nome de UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade). Há muitos pontos em comum ligando, uns aos outros, nos diversos programas de Universidades Abertas à Terceira Idade. Destacamos como o principal deles o fato de que as UNATIs possuem como característica primordial a preocupação com a educação permanente de seus alunos, não havendo, portanto, na maioria das vezes, a emissão de diplomas ou a conclusão do processo caracterizada por formatura ou término de um curso universitário específico, como ocorre nos cursos de graduação. Na maior parte dos programas que norteiam os trabalhos das UNATIs o aluno pode frequentar a universidade pelo tempo que lhe aprouver.

No caso específico da Universidade Aberta à Terceira Idade da Unesp de Marília, a idade para a admissão no programa é de 55 anos. Não há um grau mínimo de escolaridade exigido para frequentar a UNATI, mas é necessário que os alunos tenham condições de locomover-se até a Universidade por seus próprios meios. Os alunos assistem a palestras que versam sobre os mais diversos temas, proferidas por profissionais de diferentes áreas do conhecimento (professores, médicos,

sociólogos, psicólogos, pesquisadores) vinculados ou não à Unesp. A participação dos alunos nas palestras é obrigatória. As outras atividades e cursos são optativos. Os cursos e atividades oferecidos pela UNATI são os seguintes: Língua Espanhola, Língua Inglesa, Língua Francesa, Língua Italiana, Língua Alemã, Biblioterapia, Oficina de Contadores de Histórias, Oficinas de Teatro, Fisioterapia para a terceira idade e Computação. Os alunos também podem cursar disciplinas nos cursos de graduação da unidade como alunos especiais. Não raro, alguns alunos desenvolvem várias atividades oferecidas pelo programa, ocupando-se durante toda a semana com atividades educacionais e culturais. Boa parte dos participantes das oficinas de teatro realizaram e realizam outras atividades dentro da UNATI, como cursos de línguas e outras oficinas, como as de Biblioterapia e Contadores de Histórias. Constatamos, assim, que os alunos da UNATI buscam por atividades voltadas à cultura e ao ensino e as oficinas de teatro visam oferecer uma aprendizagem relacionada à arte teatral com vistas à criação através do jogo, do lúdico.

#### **METODOLOGIA DA PESQUISA**

Adotamos em nossa pesquisa uma linha metodológica de cunho qualitativo. Trabalhamos com um único grupo, observando e analisando sua trajetória, seu desenvolvimento e evolução em relação às propostas e objetivos deste estudo. Nosso objetivo era acompanhar a evolução da aprendizagem e do desenvolvimento teatral de um grupo de alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade através do jogo e do lúdico.

Procuramos, dentro das abordagens qualitativas, algumas respostas em relação aos procedimentos a serem utilizados na pesquisa nas linhas da pesquisa-ação e pesquisa participante. Thiollent define pesquisa-ação dizendo que ela é:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual o pesquisador e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Quanto à pesquisa participante, Fals Borda nos afirma que este tipo de pesquisa:

[...] responde especialmente às necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios – as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas – levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo

(autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior. (FALSBORDA, 1983, p. 43).

Consideramos que nosso trabalho se aproxima e dialoga com as linhas metodológicas da pesquisa-ação e pesquisa participante, apesar de alguns aspectos não se encaixarem totalmente nesses modelos. Podemos dizer que esta é uma pesquisa social, de caráter qualitativo, que se aproxima das linhas metodológicas da pesquisa-ação e pesquisa participante, utiliza-se de seus procedimentos a fim de conhecer com maior profundidade a realidade de um grupo de sujeitos significativos, participantes das oficinas de teatro da Universidade Aberta à Terceira Idade da UNESP de Marília, sua relação com a arte teatral e com esse tipo de aprendizagem através do lúdico.

Desenvolvemos o trabalho de oficinas de teatro com os alunos da UNATI desde 1999, oferecendo atividades todas as sextas-feiras, no horário das 14 às 16 horas. O ano letivo começa no início de março e termina em dezembro, havendo férias de um mês em julho. Para participar das oficinas de teatro era necessário que o aluno estivesse matriculado na UNATI-UNESP e participasse das palestras oferecidas às quartas-feiras pelo programa. Ao todo, cerca de trinta alunos passaram pelas oficinas de teatro de 1999 a 2003. Suas idades variaram entre 58 e 83 anos. Mais da metade dos alunos possuía curso superior e o restante no mínimo o segundo grau completo.

A maior parte do nosso material de análise foi colhida durante as oficinas, ao longo de exercícios improvisacionais e jogos teatrais, através de observação participante e sistemática, de diários de campo e de formas de registro mecânicas, como fitas K7 e de vídeo. Não houve a necessidade de elaboração de questionários a fim de obtermos do grupo as informações a respeito de sua realidade, visto que durante as oficinas, um rico material foi colhido, como relatos e depoimentos dos participantes do grupo. Gostaríamos de destacar que os exercícios e os jogos, assim como os textos e peças teatrais criados pelos integrantes do grupo de teatro da UNATI/Unesp, constituíram-se em nosso principal material de análise a fim de avaliarmos o trabalho desenvolvido.

Quanto à nossa proposta em relação aos alunos que participaram das oficinas, salientamos que foi além do aprendizado de técnicas teatrais e da atuação no palco. Objetivamos que os participantes compreendessem em profundidade todos os aspectos que envolvem a arte de fazer teatro, desde a concepção de um roteiro para a elaboração de uma peça, até sua representação num palco, através do jogo e do improvisado.

Outra questão que abordamos foi a da importância do espaço cênico e da relação de cada componente do grupo com esse espaço. Aliás,

iniciamos nosso trabalho tratando dessa questão. É dentro do campo limitado do palco que atuamos, que nos expressamos, que nos movimentamos, que mostramos algo a um público. Esse espaço nos limita e nos dá possibilidades de atuação. O corpo interage com o espaço e se movimenta nele. Esse espaço tem de ser dividido com os companheiros e essa ocupação e divisão exigem reflexão, interação, um relacionamento entre os componentes do grupo.

Em nossa pesquisa interessamos-nos em colher depoimentos e histórias dos participantes. Assim, também trabalhamos com propostas de exercícios que visaram valorizar o cotidiano, a memória e as histórias de vida das pessoas do grupo. Nosso objetivo ao colher esses relatos era o de conhecer mais profundamente o grupo e suas motivações, além de nos utilizarmos de memórias em relação a fatos, acontecimentos e histórias a fim de que estes pudessem contribuir para um maior entrosamento e interação entre os participantes do grupo e auxiliar nas construções e criações de seus trabalhos.

Num grupo de teatro composto por pessoas idosas, o vivido, as memórias e o conhecimento dos integrantes são elementos importantíssimos que podem ser utilizados para o crescimento do grupo, assim como para auxiliar os processos de criação. Por isso, valorizamos as conversas e o diálogo, valendo-nos das técnicas da história oral nos concentrando em obter depoimentos e relatos das vidas dos participantes. Queiroz (1988) nos dirá que o termo história oral é amplo e recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou quando se quer complementar o que já está documentado. Ela pode ser coletada através de entrevistas e registrar a experiência de um só indivíduo ou de um grupo de indivíduos de uma mesma coletividade.

O depoimento pode ser definido, nas ciências sociais, como o relato de algo que o informante presenciou, experimentou, ou de alguma forma conheceu. A condução do trabalho está mais centralizada nas mãos do pesquisador, que recolhe da narração da vida de seu informante apenas aquilo que considerar relevante em relação ao problema de sua pesquisa.

Nas oficinas, os relatos de fatos e momentos da vida dos participantes, assim como informações relevantes para um maior conhecimento do grupo e de sua realidade, foram colhidos, em boa parte através, de conversas informais, jogos teatrais e entrevistas não diretivas com os membros do grupo. Nosso interesse estava centrado em captar detalhes e acontecimentos relevantes das vidas dos participantes, principalmente em relação à profissão e ao ambiente familiar. Os participantes eram estimulados a escrever a partir de suas próprias experiências e criaram textos individuais e coletivos, que serviram de alimento para as construções das peças do grupo.

Fizemos também uma única entrevista estruturada com os participantes da pesquisa, em agosto de 2002, a fim de que falassem a respeito de sua relação com o teatro e pudessem avaliar o processo de aprendizagem pelo qual passaram e a evolução do grupo desde 1999.

Podemos dizer que o nosso trabalho nas oficinas de teatro realizou-se através de continuidades e rupturas. Estimulamos questionamentos e proposições de problemas que exigiam do grupo novas formas de agir e de pensar, respostas rápidas para questões que precisavam ser resolvidas no palco, dando espaço a verdadeiras situações criativas, mas também estimulamos o recordar, o lembrar, as vivências e experiências dos alunos. Procuramos, ainda, auxiliar o grupo para que cada participante encontrasse caminhos originais de atuação.

## **RESULTADOS**

Em nossa pesquisa buscamos analisar o elemento lúdico presente nos jogos e exercícios propostos nas oficinas de teatro, em primeiro lugar, na relação do movimento do ator com o espaço destinado ao jogo: o palco. Vimos, com Huizinga (1990), que o jogo ocorre dentro de determinados limites de tempo e espaço. O tempo e o espaço destinados ao jogo são distintos dos da vida cotidiana. Deixamos nossos afazeres e preocupações de lado para nos dedicar inteiramente ao mundo proposto pelo jogo e suas regras, pelo lúdico. Seguimos as regras do jogo. As ações do ator ocorrem neste espaço que chamamos de palco, que pode ser tão grande quanto um salão de bailes ou pequeno como uma saleta. Reconhecendo o espaço destinado ao jogo, movimentando-se nesse espaço, interagindo com ele e com os outros atores, os alunos do grupo adquiriram a percepção de que o palco deixa de ser um simples pedaço de chão para tornar-se um espaço privilegiado, distinto da vida cotidiana.

Os participantes foram estimulados, durante as oficinas, a movimentar-se das mais variadas formas, buscando encontrar diferentes possibilidades de movimento em relação às pernas, braços, mãos, pés, cintura, ombro, cabeça. Os movimentos executados no dia a dia foram reproduzidos nos exercícios e jogos, mas ganharam uma nova dimensão, pois houve reflexão a respeito deles. Cada participante, a partir da proposta de determinado exercício, respondeu de maneira única e, por vezes, surpreendente. O simples ato de um aluno olhar fixamente para as próprias mãos encerrou diversos significados.

Em uma de nossas oficinas, a proposta de alguns exercícios era a de suscitar lembranças, recordações de momentos significativos da infância e da juventude dos participantes através de mímicas, de gestos apenas, sem a interferência das palavras. Em determinado momento, uma das alunas olhou perplexa para as próprias mãos. Depois, colocou-

as entre as pernas e olhou novamente para as mãos, fazendo movimentos com os dedos como se eles estivessem sujos de alguma substância. O grupo deduziu que aqueles gestos buscavam demonstrar a perplexidade diante da primeira menstruação. Ao longo dessa oficina, surgiram vários gestos que buscaram mostrar momentos de transição, de passagem da infância para a juventude. Uma aluna fez o gesto de passar batom nos lábios. Outro colocou óculos escuros e começou a caminhar e dançar pelo palco. Depois de terminados os exercícios, conversamos a respeito da proposta. Os participantes disseram que muitas lembranças foram suscitadas com o desenrolar da oficina e eles constataram que os gestos que buscavam mostrar a transição de uma fase da vida para outra vinham carregados de uma emoção muito forte.

Em outro exercício proposto, levamos ao palco dois objetos e pedimos que cada participante criasse uma situação dramática, utilizando-se apenas de gestos e movimentos do corpo e um objeto como complemento da cena. Os objetos eram um livro grosso e um urso de pelúcia. Cada participante teria de criar uma situação procurando dar, a partir das situações criadas, um destino diferente para aqueles objetos. O primeiro objeto a ser escolhido foi o livro. Uma das alunas foi à frente, abriu o livro e começou a lê-lo. Com seus gestos ela parecia estar muito atenta à leitura. Folheava-o, sorria, espantava-se. Outra aluna, com o corpo ereto e o rosto muito sério pegou o livro e o ergueu, virou-se para os lados mostrando-o a todos os presentes, como um padre ou um pastor fazem com a Bíblia. Outra, com seu gesto, desmistificou totalmente o caráter respeitoso e sagrado do livro como fonte de conhecimentos. Colocou o livro em cima de uma cadeira. Subiu na cadeira e no livro e fechou uma das janelas do palco que era alta e estava aberta. Outra, vendo aquela atitude, pegou o livro e o colocou embaixo do pé de uma mesa, fazendo dele uma espécie de calço. Depois uma das alunas pegou o urso de pelúcia e colocou-o no peito, como se ele fosse um bebezinho e ela o estivesse amamentando. Outra aluna pegou o urso e o colocou nos ombros como se ele fosse uma criancinha brincando de “cavalinho” com sua mãe. Rodopiou com o urso, colocou-o no colo. Uma última aluna pegou o urso e começou a jogá-lo para o alto. Depois passou a engatinhar pela sala e deixou o urso no chão.

Constatamos que os participantes do grupo revelam seu mundo e suas recordações não apenas através de palavras, de histórias vividas ou criadas, mas também através de seus gestos. O grupo contou histórias e criou situações dramáticas no palco ao movimentar-se.

Laban (1978) afirma que o ser humano, por ser capaz de coordenar uma gama de possibilidades de esforço muito maior que a de qualquer outro animal, ultrapassa as necessidades da mera sobrevivência e pode alterar e enriquecer seus hábitos de movimentação nas mais

diversas situações. O ser humano possui algo muito importante, que é a consciência em relação a seus movimentos. Concluimos, pois constatamos, ao elaborar propostas de exercícios e ao observar o grupo de teatro em seus movimentos, que muitas formas cristalizadas de nos movimentarmos, arraigadas, tornadas hábitos, podem ser repensadas, trabalhadas no sentido de uma ampliação da gama de possibilidades de movimentação do corpo. Isso independe da idade que o indivíduo tenha. Por mais profundos que sejam nossos hábitos, possuímos consciência da forma como agimos e nos movimentamos e podemos trabalhar para ampliar nossa capacidade física a fim de movimentarmos nosso corpo de forma mais livre.

Nossa proposta de trabalho com as oficinas de teatro é a de que os participantes experimentem jogar das mais diversas maneiras, criando trabalhos que expressem as formas de pensar e de ser desta pequena coletividade formada pelos integrantes do grupo de teatro. Há várias maneiras de dizer as coisas, vários tipos de linguagens: a linguagem do corpo, dos gestos, dos sentidos, da fala, da escrita, do desenho, e tantas outras das quais nem nos damos conta. Rubem Alves nos diz que:

As pessoas normais brincam com muitos jogos de linguagem: jogos de amor, jogos de poder, jogos de saber, jogos de prazer, jogos de fazer, jogos de brincar. Porque a vida não é uma coisa só. A vida é uma multidão de jogos acontecendo ao mesmo tempo, uns colidindo com os outros, das colisões surgindo faíscas. Uma cabeça ligada com a vida é um festival de jogos. E é isso que faz a inteligência. (ALVES, 2000, p. 112).

Nas oficinas ocorreram inúmeros tipos de jogos. Buscamos o novo através do improviso, das soluções que precisam surgir de forma rápida e espontânea quando atuamos. O grupo improvisou no palco situações cotidianas através de sugestões simples e o mínimo de interferência possível por parte de nossa coordenação. Procuramos nunca dizer como o exercício deveria ser realizado, pois, fazendo isso, a espontaneidade dos alunos se perderia, visto que eles não estariam resolvendo sozinhos o problema proposto.

Muitas histórias foram contadas no palco. Histórias de objetos, de aromas e sabores. Valorizou-se a memória dos participantes. Ecléa Bosi (1979) nos fala do “trabalho da memória”. Trabalho que exige uma inteligência viva e desperta. Recordar exige reflexão, localização, um encontro de referenciais do passado e do presente.

Buscamos preparar o ambiente de forma especial nas oficinas para a recordação do vivido. Quando uma das alunas se recordava de coisas que viveu, que presenciou, as outras viam também seu passado e suas memórias presentes em certas narrativas. A aluna Regina nos relatou o seguinte: “Com o passar do tempo a gente acaba se esquecendo muita coisa do

*passado. Nas oficinas, através de objetos, de exercícios, nos recordamos de coisas ocorridas há tempos. Através da lembrança do outro, nossas lembranças também afloram. É interessante saber que, ao envelhecermos, as coisas não ficam perdidas”.*

Recordando, improvisando, jogando jogos diversos, o grupo de teatro da UNATI criou peças, atuou no palco. Todos os exercícios foram importantes para que o grupo refletisse a respeito de suas possibilidades em relação ao movimento, ao improviso, à capacidade de atuar, de escrever, de expressar-se a partir de inúmeras formas de linguagens.

Desde a concepção de textos até a montagem dos mesmos para serem apresentados ao público, houve um longo caminho percorrido pelos participantes das oficinas de teatro da UNATI-UNESP. Das oficinas às apresentações das peças, do texto ao palco, o aprendizado teatral deu-se de forma prazerosa, lúdica. Dos processos de criação ocorridos nas oficinas nasceram “Fragmentos da Vida”, “Os Italianos”, “Momentos do dia-a-dia”, “O Cravo e a Rosa” e “Ditos, desditos e não ditos”, trabalhos coletivos dos participantes que foram vistos por diversos públicos em diferentes ocasiões.

O primeiro desses textos, “Fragmentos da Vida”, fala de construção, de vidas anônimas que ajudam a tecer as redes da trama social. Gente que faz história, que é esquecida e por vezes excluída. “Os Italianos” e “Momentos do dia-a-dia” são peças curtas. A primeira narra o cotidiano de uma família de imigrantes italianos residente na cidade de Marília-SP nos anos 30. A segunda trata do tema do preconceito contra o idoso em diversas situações do dia-a-dia. Já o texto de “O cravo e a rosa” caracteriza-se como um roteiro para a realização de um trabalho performático. Este trabalho fala da infância e da juventude dos participantes das oficinas de teatro nos anos 30 e 40 na cidade de Marília e diferencia-se dos demais pelo fato de utilizar-se mais do trabalho com o corpo que de falas e diálogos. “Ditos, desditos e não ditos”, último trabalho coletivo do grupo, é uma peça de cerca de uma hora de duração e aborda de forma divertida e despreziosa diversos ditos e provérbios populares.

Os participantes criaram e atuaram no palco com autonomia a partir de todo um aprendizado teatral ocorrido nas oficinas. Aprendizado lúdico que está relacionado ao prazer de dialogar, de lembrar, de conhecer e compreender coisas novas, de improvisar, de escrever, de atuar. Todos estes elementos estão entrelaçados e dão forma às criações do grupo.

Dialogando o grupo descobriu caminhos, a partir dos quais pudemos observar uma série de características e tendências em relação às suas construções. Algumas dessas características são: o gosto pela pesquisa, certas preferências em relação às escolhas dos temas, que geralmente estão ligados às memórias e ao cotidiano dos participantes, o

cuidado com a escrita dos textos e com os detalhes de suas montagens. O diálogo propiciou diversas idéias sobre um mesmo tema, propiciou a lembrança de histórias enriquecedoras que contribuíram para a construção das peças e para sua montagem.

Outro elemento importante para a compreensão do desenvolvimento do trabalho do grupo é a memória. Histórias dos participantes, de suas famílias, de seu grupo social, de momentos históricos estão presentes nas criações do grupo. Em “Fragmentos da Vida” encontramos o relato de Virgília sobre suas memórias enquanto funcionária da Unesp. Fala da revolução de 1964, dos simpósios, dos alunos que conheceu.

Para a elaboração da peça “Os Italianos”, o grupo se reuniu para conversar sobre o roteiro. Algumas alunas, filhas e netas de italianos, compartilharam suas histórias com os colegas, ensinaram a pronúncia e a forma correta de escrever algumas palavras em italiano e se recordaram de pessoas filhas de imigrantes que também poderiam contribuir fornecendo dados a respeito de antigos costumes de suas famílias.

No roteiro para a apresentação de “O cravo e a rosa”, os participantes resgataram as lembranças de antigos brinquedos: soltar pipa, rodar pião, jogar bilboquê, pular amarelinha, brincar de roda. Relembrou da infância vivida nos anos 30/40, da juventude nos anos 40/50. Os alunos Miguel e Venício se lembraram dos antigos “footings”: as moças caminhavam juntas, às vezes de braços dados, enquanto os rapazes ficavam encostados nos prédios da avenida principal da cidade olhando as moças passarem.

As lembranças também estão presentes na peça “Ditos, desditos e não ditos” desde a pesquisa e compilação de cerca de quatrocentos ditos e provérbios populares, pelos participantes do grupo, até a criação das historietas baseadas em três desses ditos. A aluna Elza possui cadernos repletos de ditos, provérbios e pensamentos de escritores, pensadores, filósofos e anônimos. Muitos dos ditos reunidos na pesquisa do grupo saíram dos seus cadernos, mas todos contribuíram com os mais diversos ditos. A leitura dos ditos ocorria de forma divertida e bem humorada. Alguns deles eram engraçados, outros carregados de lições de moral e de preconceitos. Uns, por vezes, contradiziam outros. Daí, inclusive, a inspiração para o nome da peça.

As lembranças dos participantes do grupo foram importantes não apenas em relação à construção dos textos, mas também para a montagem dos mesmos. Histórias, objetos antigos, fotografias, velhos discos e canções contribuíram para a elaboração de cenários, figurinos e sonoplastias. Na peça “Os Italianos”, o grupo recriou no palco uma sala de jantar de uma casa antiga e toda a ambientação de época. As alunas

recordaram-se das casas de suas avós, dos móveis, dos utensílios, dos velhos bibelôs. Fotos antigas dos anos de 1930 foram trazidas por algumas alunas para que as roupas das personagens ficassem bem caracterizadas em relação à época de que tratava a peça: o ano de 1934. Para a montagem de “O cravo e a rosa” a aluna Elza trouxe velhos brinquedos, como bilboquê e peteca. O aluno Miguel contribuiu com a sonoplastia da peça trazendo discos com músicas de bailes antigos e velhas marchinhas de carnaval.

Observamos nos trabalhos do grupo, bem como nos exercício das oficinas, uma ligação muito forte entre os participantes e seus objetos queridos. As alunas gostavam muito de contar histórias relacionadas a esses objetos: o gato de louça de Iraci, o álbum de família de Olinda, com suas fotos amareladas pelo tempo, mas que reavivam suas lembranças familiares. Cadeiras de balanço, cabideiros, mesas, retratos, elefantes vermelhos, girassóis de pano: esses objetos serviram aos nossos cenários, estiveram presentes em ensaios e apresentações do grupo.

Outra variável importante que destacamos dada a sua importância quanto às construções do grupo é a da predominância da presença feminina no mesmo. Das pessoas que participaram das oficinas, apenas três pertenciam ao gênero masculino. Os homens participaram de apenas dois trabalhos apresentados pelo grupo.

As formas de ver o mundo e a cotidianidade dos participantes constituíram-se em elementos fundamentais para as construções dos textos, dos trabalhos do grupo. Nesse sentido, procuramos salientar a importância de variáveis como a questão da profissão e a questão de gênero presentes nessa cotidianidade, nessas formas de ver o mundo. Nas oficinas de teatro da UNATI-Unesp, os participantes encontraram um ambiente propício capaz de liberar comportamentos espontâneos, pois a autonomia e a liberdade de cada um sempre foi respeitada.

Muitas idéias pré-concebidas cercam a questão do envelhecimento. Uma delas é a de que o idoso possui posturas rígidas em face de novos aprendizados. Comprovamos, através de nossas observações e acompanhamento do trabalho desenvolvido, que os participantes das oficinas, pelo contrário, aceitaram facilmente todas as propostas de exercícios e jogos, disponibilizando-se com prazer a jogar, atuar, improvisar. Não houve rigidez nem rejeição em relação à maior parte dos exercícios, das propostas. Às vezes até mesmo limitações físicas, como dores na coluna, por exemplo, eram superadas para que alguns exercícios fossem realizados. As oficinas de teatro propunham muitas novidades e traziam novas informações aos participantes que, em sua maioria, nunca haviam participado de um grupo de teatro antes. Mesmo os que na juventude tiveram algumas experiências nessa área não estavam habituados a oficinas teatrais e a exercícios improvisacionais.

Nesse sentido, a peça “Ditos, desditos e não ditos” constituiu-se no trabalho mais amadurecido do grupo. Nas apresentações da peça os participantes atuaram com desenvoltura e havia ritmo e liberdade de movimentos. Spolin nos afirma que:

[...] um ator está ‘maduro’ quando está com um bom relacionamento com seu papel, com a peça e com os outros atores; quando ele tem movimentos fáceis e sua fala flui; e, acima de tudo, quando ele está consciente de sua responsabilidade para com a platéia. (SPOLIN, 1992, p. 302).

Na convivência grupal, todos os participantes cresceram em suas atuações e conhecimentos sobre a arte teatral. No prazer de lembrar, de improvisar, de escrever, de mostrar seu mundo, de dialogar, os participantes do grupo criaram, deram forma a um emaranhado de histórias, sentimentos e de idéias que surgiram com o desenvolvimento do trabalho. Das oficinas às peças, do texto ao palco, a criação ocorreu. Criação prazerosa, porque amorosa, carregada de sentidos, de vidas com muitas histórias para contar e com muito a ensinar.

## **CONCLUSÃO**

Nesta pesquisa discutimos e avaliamos a importância do elemento lúdico no processo de aprendizagem teatral de pessoas idosas. Apresentamos os trabalhos elaborados pelo grupo de teatro da Universidade Aberta à 3ª Idade- UNATI-Unesp, Campus de Marília, ao longo do desenvolvimento das oficinas teatrais, dos jogos e exercícios propostos. Demonstramos que o grupo criou textos, peças e atuou no palco a partir do prazer de lembrar, de dialogar, de jogar, de improvisar.

Com este trabalho procuramos redimensionar o papel do elemento lúdico na vida e na aprendizagem de pessoas adultas, pois o lúdico está intrinsecamente ligado à imagem da criança. Vimos que é possível criar, escrever textos, atuar de maneira prazerosa, autônoma, livre. O lúdico não desaparece porque nos tornamos adultos. Apenas somos doutrinados socialmente, muitas vezes, a deixar de lado a alegria e o prazer, que poderiam estar presentes em nossas aprendizagens, em nosso trabalho, em nosso modo de fazer as coisas, em nome do utilitarismo. O grupo de teatro da UNATI aprendeu prazerosamente, criou e atuou improvisando, jogando. E nem por isso deixou de realizar um trabalho sério, competente. Afinal, como bem salienta Huizinga (1990), é a seriedade que exclui o jogo e não o contrário.

Trabalhamos com pessoas com idades entre cinqüenta e oito e oitenta e três anos. Gente que muito trabalhou, que presenciou momentos históricos marcantes, que guarda histórias de suas famílias e de suas comunidades. Gente que revela suas formas de ver o mundo, suas

CORDEIRO, A.P.

lembranças, seu cotidiano através da participação nas oficinas e das peças e textos que elabora.

Através de nossa pesquisa, buscamos romper com alguns estereótipos, como o de que o lúdico só pode estar ligado à educação infantil. Observamos que, se o ambiente for propício à espontaneidade, à liberdade e ao jogo, o aprendizado pode ocorrer de forma prazerosa e lúdica. No caso de nossa pesquisa, tratamos do aprendizado teatral de um grupo específico de pessoas idosas, mas nosso intuito foi também o de apontar caminhos na direção de um processo educacional que não despreze o elemento lúdico, o sentimento, a alegria de descobrir, de criar e de aprender. Uma educação que volte seu olhar para o prazer existente no ato criador. Outra idéia pré-concebida que julgamos ter desmistificado em nosso trabalho é a de que o idoso tem mais dificuldade para aprender, para criar e para aceitar o novo que o adulto jovem. Os participantes das oficinas de teatro da UNATI-Unesp aceitaram jogar e realizar os exercícios propostos e também utilizaram-se de seu cotidiano, de suas memórias e experiências para as criações do grupo.

No palco da UNATI, as histórias dos participantes foram respeitadas, assim como o ritmo de trabalho e o tempo de aprendizado de cada um. Foi com enorme alegria que o grupo de teatro encarou cada apresentação de seus trabalhos ao público. No entanto, não houve apenas a preocupação com os resultados das montagens. O prazer do aprendizado teatral esteve presente nos momentos em que os participantes jogaram no palco, improvisaram, recordaram, escreveram e discutiram roteiros, ensaiaram. As memórias uniram passado e presente, deram mais sentido ao cotidiano de cada um e estimularam as criações dos participantes.

CORDEIRO, A. P. UNATI – UNESP’s Theater Workshops from Marília: the playful as stimulator element elderly’s creation theatrical process. Educação em Revista, Marília, v. 7, n. 1/2, p. 67-84, 2006.

**ABSTRACT:** the article presents the results of our research of Doctorate that it aimed at the development of theater workshops along with the group UNATI – UNESP’s students from Marília with the goal of demonstrating the playful role, as stimulators of elderly’s creation processes. Through theatrical games and creation of collective plays, we tried to favour the pleasurable character of the knowledge elaboration. The plays and the result in the process of exercises and games developed at the workshop, constitute our main analyse material. Our conclusion indicate that the students demonstrated their creative potential, though the plays created by themselves, and also at the theater workshops, besides by revealing so many things about their history of life and experiences in the development of collective plays.

**KEYWORDS:** third age; playful; theater

**REFERÊNCIAS**

- ALVES, Rubem. Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação. São Paulo: Loyola, 2000.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Quero, 1979.
- COURTNEY, Richard. Jogo, teatro e Pensamento. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- FALS BORDA, Orlando. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- LABAN, Rudolf. Domínio do movimento. Ed. Organizada por Lisa Ullmann. São Paulo: Summus, 1978.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, Olga de M. (Org.). Experimentos com histórias de vida: (Itália – Brasil). São Paulo: Vértice, 1988.
- SLADE, Peter. O jogo dramático infantil. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Summus, 1978.
- SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1986.

*CORDEIRO, A.P.*